

OS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DO *EU*: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE HABERMAS E A NEUROFILOSOFIA

*Odair Neitzel**

Resumo

O presente artigo pretende contribuir com a discussão dos processos de constituição do sujeito conhecedor e moral, a partir do movimento de individuação e da formação do *self*. O texto se pautou na análise bibliográfica de textos pertinentes ao tema de Habermas e Damásio. Discute os processos de interação social e de interiorização das estruturas presentes nas imagens de mundo e por consequência, da formação das estruturas do sujeito comunicativo e conhecedor. A pretensão nesse artigo é defender a possibilidade de uma aproximação entre as investigações e interlocuções de Habermas e as investigações da neurofilosofia e da neurociência. Buscamos entender como os sujeitos adquirem as competências comunicativas e como estas competências tornam os sujeitos capacitados para tomar parte na comunidade comunicativa de interlocução.

Palavras-chave: Self. Consciência. Habermas. Neurofilosofia.

Abstract

This paper contributes to the discussion of the processes of formation of knowledgeable and moral subject, from the movement of individuation and self training. The text was based on the literature review related to the theme of Habermas and Damasio texts. Discusses the processes of social interaction and internalization of the structures in the images of the world and consequently, the formation of the structures of communicative and knowledgeable guy. The intention in this article is to defend the possibility of

* Mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Professor na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).
E-mail: odair.neitzel@uffs.edu.br.

a rapprochement between the interlocutors and Habermas investigations and investigations of neurophilosophy and neuroscience. We try to understand how subjects acquire communicative skills and how these skills make them qualified individuals to take part in communicative community dialogue.

Keywords: Self. Consciousness. Habermas. Neurophilosophy.

Introdução

O pensamento de Habermas pode ser considerado um dos mais significativos na tentativa de propor um modelo de racionalidade alternativa diante do esgotamento da proposta da filosofia da consciência e dos paradigmas da relação sujeito-objeto. A defesa de uma racionalidade comunicativa tem seu alicerce na afirmação da primazia da comunicação como possibilidade do conhecimento e de interação social.

Também ocupa centralidade no pensamento habermasiano, a questão da reflexão sobre as condições de possibilidade do conhecimento. Segundo Habermas, o conhecimento não é uma construção solitária, mas um processo de construção solidário, resultante da interação social e da construção de entendimentos entre os membros participantes de uma comunidade discursiva.

A racionalidade comunicativa está pautada nas relações intersubjetivas, relações que por simetria, estabelecem as fronteiras do Eu. Esse Eu é materializado em um corpo físico e pela geração da consciência¹ ou a presença a “si-mesmo”, que caracteriza o Eu.

Essa consciência emerge nas estruturas neurais que “rodam por detrás” da consciência, que se constitui num processo de homeostase autobiográfico e sociocultural. Essa estrutura é que garante aos sujeitos participantes da interação, a consciência e a constituição de um “Eu”. A produção da subjetividade e a presença de espírito permite que nos tornemos livres e autônomos,

¹ O conceito de consciência é empregado aqui na perspectiva da guinada pragmática da filosofia da linguagem e da neurofilosofia, ou seja, não pode ser tomado na perspectiva da filosofia da consciência moderna ou transcendental de Kant. “Trata-se de evitar, por um lado, as idealizações a priori do dualismo cartesiano que persistem em modelos tradicionais da teoria da escolha racional (*rational choice*), e por outro lado, o relativismo, o nihilismo e o decisionismo morais de posturas culturalistas que rechaçam qualquer possibilidade de embasamento racional ou normativo em processos decisórios” (OLIVEIRA, 2013).

através de processos intersubjetivos e da presença de outros semelhantes, com os quais nos ocuparemos do mundo da vida. Assim, pensar é algo inerente ao sujeito, materializado em um corpo complexamente organizado.

Ao longo de todo o processo de construção da Teoria do Agir Comunicativo, na defesa de uma racionalidade comunicativa, Habermas tem cuidado especial em pensar como se constitui o *Eu* e o processo de desenvolvimento das capacidades comunicativas necessárias para tomar parte da interação social. Seu cuidado é em defesa de uma racionalidade que não seja solipsista ou fundada em um sujeito transcendente de categorias *a priori*².

De modo semelhante as pesquisas na neurociência e na neurofilosofia tem investigado a emergência do *self* e da consciência a partir da estruturação do cérebro humano. Ela pode contribuir de modo significativo para dar segmento à proposta emancipatória habermasiana, da emergência de um *self* nos processos interativos e na homeostase sociocultural. A questão é: como estes dois modos de conceber a constituição do *eu* podem convergir e quais são as possíveis aproximações entre ambas?

1. Habermas e a constituição do *eu*

Primeiramente trataremos de nos aproximar da perspectiva filosófica de Habermas e o modo como este entende os processos de formação do *eu*. Habermas é o mentor do conceito de razão comunicativa elaborada na obra *Teoria da ação comunicativa* (1987), na qual dialoga com as mais diferentes correntes de pensamento filosófico, sociológico, psicológico, entre outras. A concepção de uma racionalidade pautada na comunicação e no discurso argumentativo é apresentada como alternativa frente ao esgotamento da razão cognitivo-instrumental e de sua incapacidade de levar adiante o projeto moderno de esclarecer e emancipar os homens.

No modelo da razão cognitivo-instrumental, o paradigmático é “a relação que o sujeito isolado mantém com alguma coisa apresentável e

² A expressão “virada linguística” ou “giro linguístico” (*linguistic turn*) é típica do campo filosófico. Defende a primazia da linguagem sobre o pensamento como um dos objetos da investigação filosófica. Na guinada linguístico-pragmática, abandona-se a noção de verificação em favor da noção de justificação. Já não se trata de verificar objetivamente a verdade do enunciado, mas sim de justificar intersubjetivamente a sua validade (OLIVEIRA, 1996).

manipulável no mundo”. No modelo de uma racionalidade comunicativa, o paradigmático é “a relação intersubjetiva assumida por sujeitos aptos a falar e agir, quando se entendem uns com os outros sobre alguma coisa” (HABERMAS, 2012, p. 674).

Dessa forma, sob o pressuposto de um pensar já não mais metafísico, a racionalidade comunicativa é proposta como possível parâmetro que emerge do próprio modo de a linguagem estruturar-se com vistas ao entendimento, qualificando-se, assim, como “fato da razão” (HABERMAS, 1989, p. 418). Assim, consideram-se racionais aqueles que são capazes de fazer afirmações fundamentadas e justificar tais proposições perante o crivo da argumentação crítica.

Ser racional significa ser capaz de apresentar justificativas razoáveis, agregar argumentos aceitáveis, que se configurem em motivos suficientemente fortes, enquanto boas razões, para suportar a crítica que se faz presente no embate argumentativo (BOLZAN, 2005, p. 85).

Salta-nos, assim, a pergunta sobre as competências necessárias a esse Eu comunicativo, para que possa tomar parte da comunidade de interlocução e desenvolver a racionalidade comunicativa. Somos desafiados a tentar compreender como esse sujeito se constitui apto a comunicar-se e como é esse processo de formação da competência comunicativa.

O processo de emancipação dos sujeitos e da construção da autonomia em Habermas, não é fruto de decisões e reflexões solipsistas e constituídas na autorreferência. A ação comunicativa se refere à interação de pelo menos dois sujeitos capazes de linguagem e de ação que (seja com meios verbais ou extraverbais) estabeleçam uma relação interpessoal. Os atores buscam entender-se sobre uma situação de ação para poder assim coordenar de comum acordo seus planos de ação e com isso suas ações (HABERMAS, 2012, p. 124).

Dessa forma, a racionalidade comunicativa, que se funda na interação, é apresentada por Habermas como parâmetro para a coordenação das interações que constituem o mundo humano. “Ser racional significa ser capaz de apresentar justificativas razoáveis, agregar argumentos aceitáveis, que se configurem em motivos suficientemente fortes, enquanto boas razões, para suportar a crítica que se faz presente no embate argumentativo” (HABERMAS, 2012, p. 85).

Nesta perspectiva, Habermas faz interlocuções com vários pensadores, como por exemplo, George Herbert Mead³. Suas investigações contribuem para repensar os processos de individuação e constituição do *self*. Não se trata de simplificar a compreensão desses processos ou reduzi-los em fatores exclusivamente individuais ou coletivos, nem de excluir os processos individuais e sociais. Habermas busca em Mead razões para fundamentar os processos comunicativos e linguísticos que estão na base de uma concepção de racionalidade pautada na interação e na intersubjetividade.

Entende Habermas que na psicologia social de Mead estão esboçadas os elementos primordiais que permitem compreender o processo de constituição da identidade, a partir da linguagem, da comunicação e da interação. Mead deixa claro que o sujeito constitui-se como *eu* a partir de uma perspectiva excêntrica, pautado no outro, através de representações simbólicas, através do qual consegue olhar a si mesmo e sua ação como resultante das interações sociais (HONNETH, 2009, p. 283). Assim,

Mead abandona o individualismo metodológico, pois parte do “todo social” para, só dessa perspectiva, analisar a conduta dos elementos que o compõem; abandona também o objetivismo, pois leva em conta a experiência interna do indivíduo no conjunto do processo social, experiência essa objetivada nas expressões simbólicas. Dessa forma, Mead reúne aqueles dois ataques à filosofia da consciência que, depois de Peirce, mantiveram-se distantes (HADDAD, 2003, p. 95).

Habermas diverge no que se refere às funções fundamentais da linguagem que são três, e dizem respeito ao entendimento, a integração social e a socialização. Mead considera apenas as funções de socialização e integração social. Mesmo assim, Habermas considera Mead de extrema importância pelo fato de suas investigações estarem de encontro com a perspectiva de uma racionalidade comunicativa⁴.

³ Georg Herbert Mead (27 de fevereiro de 1863 – Chicago, 26 de abril de 1931) foi um filósofo americano de importância capital para a sociologia e a psicologia social, pertencente à Escola de Chicago (Sociologia). Juntamente com William James, Pierce e Dewey, Mead faz parte de uma corrente teórica do pragmatismo.

⁴ DALBOSCO, 2013.

Um das contribuições fundamentais de Mead para a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas e para a compreensão do processo de formação do *self* está no modo como este descreve a mediação por gestos e a sua passagem para a mediação simbólica. Para Mead, a constituição da identidade dos sujeitos se dá pela compreensão do surgimento da interação simbólica, da linguagem propriamente humana, a partir da interação mediada por gestos, interação que também configura processos comunicativos em animais (HABERMAS, 2012, p. 12-22).

Nesse processo de interação gestual e sua passagem para uma interação simbólica, emerge a percepção de si mesmo por um processo de reflexibilidade, de antecipar-se à atitude do outro. Emerge assim, no progresso gradual da interação por gestos para uma estruturação simbólica mediada pela interação social, a consciência de si e do *self*. A grande contribuição de Mead então consiste em mostrar que a subjetividade e a consciência são constituições intersubjetivas e da interação social. O *self* emerge de uma rede de relações de matriz intersubjetiva, que nos proporciona uma identidade individual e social simultaneamente.

O diálogo entre Habermas e Mead se torna fundamental na medida em que suas investigações e formulações permitem uma releitura das considerações sobre o papel da subjetividade e da intersubjetividade na constituição do *eu*. Vale ressaltar que em Mead e Habermas a intersubjetividade precede a subjetividade. O processo de individuação se dá pela interiorização das estruturas desenvolvidas filogeneticamente e presentes na imagem de mundo, constituindo as estruturas da personalidade em um processo ontogenético.

Afirma-se com isso que a gênese do *eu* se dá mediante processo de socialização. Esse processo de constituição do *eu* é o eixo central da experiência mental, que emerge da experiência social, onde os sujeitos tornam-se objeto de si mesmo. Em outros termos, o *eu* passa a existir na medida em que o indivíduo assume os papéis sociais dos outros, pelo envolvimento e pela compreensão das experiências com os outros (MEAD, 1981, p. 283-284).

Entender como se gera a consciência, como ela emerge nos sujeitos, permite compreender o modo pelo qual os valores e padrões sociais podem exercer determinações sobre os sujeitos morais, assim como permite entender como esse sujeito pode se tornar autônomo e livre, o que por sua vez, possibilita a existência de um esfera moral social.

Torna-se vital então entender como se processou essa estrutura e o modo como se constituiu a identidade dos sujeitos. Torna-se essencial compreender

a sua estrutura epistêmica na perspectiva de histórica da espécie ou filogenética, e como esta implica na constituição de sujeitos únicos em processos ontogenéticos. Esse processo é dependente dos registros das percepções que os sujeitos fazem em meio aos processos interativos, meio pelo qual emerge a consciência⁵. Consciência e interiorização são termos que se apresentam em várias passagens da bibliografia de Habermas. A questão é: quem é esse sujeito, essa consciência que emerge dos processos interativos?

Habermas apresenta vários termos e passagens que evidenciam esse *eu* que confere sustentação aos processos interativos. Afirmarções como “a interiorização simbólica como emergência de si”, “identidade individual e subjetiva”, pressupõem uma estrutura que sustenta essa identidade e esse sujeito. Mesmo que em Habermas a intersubjetividade preceda a subjetividade, isso não se contrapõe na crença de que exista uma estrutura mental que dá sustentação a esse *self* e possibilita a consciência. Pelo contrário, evidencia e nos obriga a admitir que exista uma estrutura mental, que se constitui em processos interativos e que permite ao sujeito fazer interpretações e se entender com os outros sobre o mundo.

Em Habermas encontramos preocupações com um “si-mesmo”, um *eu* em que os significados e sentidos constituídos linguisticamente possam encontrar ancoragem. Um exemplo é a delimitação que estabelece entre duas esferas do *eu*. Ele fala de um *Eu epistêmico* e um *Eu prático*. O *eu epistêmico* de certo modo é geral e apresenta características “gerais” que são interiorizados das imagens de mundo e que dão aos sujeitos as competências para conhecer. É diferente de um *Eu prático*, de ação. Essas esferas do *eu* conferem ao sujeito as definições e as fronteiras de sua singularidade, sempre partido de processos interativos comunicativos.

Habermas (1983) diferencia os dois *Eus* do seguinte modo:

Enquanto o *Eu epistêmico* caracteriza-se (como *Eu* em geral) pelas estruturas gerais da capacidade de consciência, de linguagem e de ação, que todo *EU* singular tem em comum com todos os outros *Eus*, o *EU prático* se forma e se afirma como *Eu* individual na realização

⁵ Importante aqui é ressaltar que o emprego do termo *consciência* aqui não pode ser assumido na perspectiva do sujeito solipsista moderno. Aqui ele denota a percepção de “si mesmo”, a presença de si, mas sempre condicionada pela presença do outro e dos processos de interação social.

de suas ações. O eu prático torna segura a identidade da pessoa no interior das estruturas epistêmicas do Eu em geral. O Eu prático afirma a continuidade biográfica e os limites simbólicos do sistema de personalidade, na medida em que volta sempre a efetivar as próprias auto-identificações no mundo, de modo a poder localizar a si mesmo nas relações intersubjetivas de seu mundo social de maneira unívoca, ou seja, ao mesmo tempo inconfundível e reconhecível. Em suma: a identidade da pessoa é, de certo modo, o resultado das realizações da identificação da própria pessoa (HABERMAS, 1983, p. 21).

O que se percebe é que Habermas concebe o *Eu epistêmico*, de caráter geral, que de certo modo é responsável pela sustentação das competências comunicativas, pelas estruturas de consciência e, por conseguinte, pelo suporte a um *Eu prático* e que na interação fará o processo dialético de formação da própria identidade.

Esse *Eu epistêmico* é muito semelhante ao eu transcendental de Kant, defendido por Apel e que fora rejeitada por Habermas. Assim como Kant estabeleceu as condições *a priori* para que se possa conhecer, Apel propõem as condições *a priori* para o ato linguístico. Saber da veracidade de um ato de fala, para a linguística, consiste em recorrer à instância objetiva de verificação e falseamento e dos sistemas sintático-semânticos artificiais do saber intuitivo (OLIVEIRA, 1996, p. 256-258). Habermas não propõe um *Eu transcendental*, mas que se constitui em um processo de homologia⁶, de modo simétrico entre as estruturas subjetivas e as estruturas das imagens de mundo. Para tanto, Habermas faz interlocações com autores como Piaget, Koelberg, Mead e outros, tentando identificar as bases dessa estrutura epistêmica.

Para Habermas, o *Eu epistêmico* se constitui intersubjetivamente por meios linguísticos elementares. Para ele as estruturas presentes nas imagens de mundo “são tão constitutivas para os sistemas de sociedade quanto às estruturas da personalidade. As primeiras podem ser entendidas como tecido de ações comunicativas; as segundas podem ser consideradas sob o aspecto da capacidade de linguagem e de ação” (HABERMAS, 1983, p. 14).

⁶ O termo *homologia* deriva de *homólogo*, que “Diz-se das coisas que se correspondem segundo determinada lei”, ou seja, diz-se de coisas que são equivalentes, que correspondem (DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 1992, p. 594).

Afirma-se assim que as estruturas da consciência são frutos das estruturas do direito e da moral social, presentes nas imagens de mundo. Para demonstrar como o sujeito interioriza essas estruturas, recorre principalmente a Piaget e Koelberg, que em seus estudos observaram e documentaram os processos de ontogênese e dos níveis de formação moral, descritos como “modelos ou esquemas pré-convencionais, convencionais e pós-convencionais” (HABERMAS, 1983, p. 15).

Observando as estruturas da consciência e as estruturas do direito e da moral, percebe-se uma certa semelhança na história do indivíduo e na do gênero. De certo modo, com isso é possível afirmar que as estruturas da consciência, são resultantes de um processo de interiorização das estruturas linguísticas do mundo e de sua organização. Ou seja, é a interiorização das estruturas de racionalidade presente nas imagens de mundo.

Nesse sentido, o desenvolvimento do *Eu* depende de três aspectos: capacidade de conhecimento, de linguagem e de ação. Habermas afirma que

o Eu se forma em um sistema de delimitações. A subjetividade da natureza interna é delimitada com relação à objetividade de uma natureza externa perceptível com relação à normatividade da sociedade e à intersubjetividade da linguagem (HABERMAS, 1983, p. 15).

Para demonstrar o movimento de homologia das estruturas da consciência e a das imagens de mundo, Habermas recorre primeiramente a Piaget e ao modo como este apresenta as fases de desenvolvimento do sujeito, fazendo várias ressalvas e apontamentos, principalmente em relação aos cuidados e equívocos que um leitor possa incorrer. Mas reforça a presença das homologias entre as estruturas da consciência e as estruturas presentes nas imagens de mundo. “Na ontogênese, observam-se sequências de conceitos-base e de estruturas lógicas que são afins às da evolução das imagens do mundo” (HABERMAS, 1983, p. 18).

Essas estruturas, que estariam presentes no mundo e os sujeitos as interiorizam. São conceitos que permitem aos sujeitos se localizar no espaço: a concepção de tempo sequencial, de casualidade em aspecto global, e em etapa seguinte nas coisas específicas. Habermas (1983, p. 19) concebe essas duas etapas afirmando dois movimentos. Um “em relação ao nexos causal de coisas e de eventos, por um lado, e, por outro, em relação ao sentido motivacional de ações”.

A tese de que essa primeira estrutura de formação dos sujeitos, a base daquilo que será a estrutura cognoscitiva do *Eu*, e que permite ao sujeito se desenvolver cognitivamente, é a fase pré-operatória, que acontece durante o primeiro ano de vida, onde a criança

não é capaz de perceber os próprios limites. A simbiose entre a criança, a pessoa de referência e o ambiente é tão estreita que, *stricto sensu*, não tem sentido falar de delimitação da subjetividade (HABERMAS, 1983, p. 16).

Nesse momento parece que há uma interiorização das estruturas simbólicas elementares e se tornarão a primeira subjetividade e uma espécie de um primeiro *eu*. Há uma sobreposição das imagens de mundo sob a subjetividade do sujeito, que provoca um duplo movimento da mente, de estruturação do *eu* e interiorização das estruturas simbólicas e normáticas, de diferenciação e individuação.

2. As contribuições da neurociência

A perspectiva apresentada na Teoria do Agir Comunicativo alterou o modo como entendemos os processos de formação dos sujeitos, dando prioridade e importância à interação social, bem como de uma racionalidade sob o primado da comunicação. É preciso lembrar que a ciência é dinâmica e que o conhecimento se reelabora constantemente, permitindo a emergência de novos entendimentos sobre o a vida e assim, do próprio ser humano.

O ser humano é aberto e inacabado, o que implica em surgimento constante de questionamentos que emergem da própria dinâmica do pensamento, do rearranjo das peças que compõem o mundo da vida, impulsionando as pessoas a retornar as questões acerca do mundo e de si mesmo. Assim, as questões sobre a existência humana e sobre as possibilidades do conhecimento não podem ser contadas de modo conclusivo.

Diante das questões apresentadas por Habermas a respeito da formação do *Eu epistêmico*, surgem questionamentos como: De que modo as estruturas presentes nas imagens de mundo impactam sobre as estruturas mentais, sobre as estruturas físicas dos sujeitos e como a partir destes impactos emerge a consciência? Que espécie de processo mental é responsável por ordenar

as estruturas que são interiorizadas nos processos simétricos de interação? Como e quando se constitui a percepção de que existimos e de que somos? Como o processo de homeostase⁷ e homologia, como processos de formação do *Eu*, são constitutivos do sujeito moral pela doação de competência comunicativa e de ação?

Sobre a temática, do modo como nesses processos interativos se processa a emergência do *Eu* e da consciência, encontramos importantes contribuições da neurociência e na neurofilosofia, pesquisas das quais Habermas não pode contar no momento de suas investigações e no momento da elaboração da Teoria do Agir Comunicativo. Ela fala um *self material* ou *self objeto*, ligada ao corpo, que corresponde à estrutura fisiológica e neural, e um *self* que está a uma “camada” acima deste *self material*, onde surge a consciência, responsável pela “presença de espírito”, pelas nossas competências comunicativas e de ação e, portanto, de nossa competência moral⁸.

A aproximação das investigações sobre a constituição dos sujeitos morais de Habermas e da própria filosofia com as das recentes investigações da neurociência e da neurofilosofia, se justificam por que ambas se ocupam com questões que estão historicamente presentes na investigação filosófica e sociológica. Questões como, por exemplo, da possibilidade da consciência, dos determinismos e da liberdade humana. Se ocupam desta temática obras como *O mistério da consciência* e *E o cérebro criou o Homem* de Antônio R. Damásio⁹. Também as obras de Patrícia Churchland, pioneira

⁷ “Homeostasia (ou Homeostase) é a propriedade de um sistema aberto, em seres vivos especialmente, que tem função de regular o seu ambiente interno para manter uma condição estável, mediante múltiplos ajustes de equilíbrio dinâmico controlados por mecanismos de regulação inter-relacionados”. [...] O termo foi criado em 1932 por Walter Bradford Cannon a partir do grego *homeo* similar ou igual, *stasis* estático. [...] Sistemas complexos, como por exemplo o corpo humano, precisam de homeostase para manter a estabilidade e sobreviver. Mais do que apenas sobreviver, estes sistemas devem ter a capacidade de se adaptar ao seu ambiente externo e interno (WIKIPEDIA, 2014).

⁸ Aqui usaremos o termo *self* como aquilo que define a pessoa na sua individualidade e subjetividade. O termo *self* em português pode ser traduzido por “si” ou por “eu”. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$self-%28psicologia%29;jsessionid=Dx8iv1D9LPEpyU-CHorrdXA](http://www.infopedia.pt/$self-%28psicologia%29;jsessionid=Dx8iv1D9LPEpyU-CHorrdXA)>. Acesso em: 10 Fev. 2014.

⁹ “Médico e neurocientista português, vencedor do Prêmio Príncipe das Astúrias de Investigação Científica e Técnica. Suas pesquisas focam na busca de respostas para questões filosóficas com base no conhecimento do cérebro. Damásio é professor de neurociências e diretor do Instituto do Cérebro e da Criatividade na Universidade do Sul da Califórnia.

nas investigações do campo da neurofilosofia, termo cunhado pela mesma justamente para designar a investigações de temas tradicionais da filosofia como metafísica e moral, a partir das investigações da neurociência. Sua obra mais marcante é *O que a neurociência nos diz sobre a moral*¹⁰ em que investiga as alterações comportamentais ligadas a alterações na estrutura cerebral, ou como um simples tumor pode alterar o modo de agir das pessoas¹¹.

Entender como a consciência emerge no cérebro implica primeiramente compreender qual a relação do cérebro com os papéis vitais do nosso corpo. Todas as informações processadas por nosso cérebro tem sua porta de entrada no corpo. Ao longo do processo de desenvolvimento da espécie humana, o nosso sistema nervoso se tornou complexo.

O *Self* e a consciência de si, todo pensamento, porém não podem ser dissociados de um corpo. Por isso, Damásio trata primeiramente de um *self material* como “uma coleção dinâmica de processos neurais integrados, centrada na representação do corpo vivo, que encontra expressão em uma coleção dinâmica de processos mentais integrados” (DAMÁSIO, 2011, p. 22).

Segundo Damásio (2011), o sistema neural vem se desenvolvendo em etapas, culminando com o cérebro. Ele assume no corpo humano a tarefa de manter uma representação neural dos estímulos que corpo recebe, de forma semelhante há um “painel de controle eletrônico”, a partir do qual controla e representa as impressões do nosso corpo. Através dessa representação neural, o cérebro pode monitorar e regular as funções vitais, por meio de reagentes químicos e sinais elétricos, processo que não se tornam presente ao espírito, ou seja, são “inconscientes”.

O sistema neural humano pode ser entendido em três níveis: o sistema que percorre o nosso corpo a partir da medúla; o *proto-self* que regula o

Suas descobertas na área da neurobiologia da mente e do comportamento, com ênfase na emoção, tomada de decisões, memória, comunicação e criatividade, fizeram dele um líder com reconhecimento internacional no campo das neurociências. Seu trabalho tem grande influência sobre o entendimento atual dos sistemas neurais, envolvendo memória, linguagem e consciência. Autor de *O erro de Descartes e O sentimento de si, dentre muitos outros.* Disponível em: <<http://fronteirasdopensamento.com.br/conferencistas/?5,115>>. Acesso em: 19 Out. 2013.

¹⁰ CHURCHLAND, 2011.

¹¹ É possível obter mais informações em: <http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1698:qa-mente-e-produto-do-cerebroq&catid=24:artigos&Itemid=104>. Acesso em: 7 Out. 2013.

sistema autônomo e é inconsciente; e o *córtex-cerebral*, onde estão as funções superiores da mente humana. Quando o corpo é confrontado com um objeto, o *proto-self* é modificado por ele no ato de perceber tal objeto. Os padrões neurais representando o objeto e o *proto-self* alterado são copiados em outra região do cérebro, constituindo padrões neurais de segunda ordem. O conjunto das representações escritas no cérebro equivale à história dos sujeitos, a sua identidade, que por sua vez, é a *consciência* em funcionamento.

Essa consciência central tem nos humanos a capacidade manter e resgatar os dados sobre o passado e o futuro planejado, num banco de dados chamado de memória. Essa capacidade foi fortemente aperfeiçoada pelo desenvolvimento da linguagem, da passagem para interação simbólica¹². Quando a memória foi adicionada ao esquema descrito acima, a consciência central evoluiu para uma consciência estendida pela qual temos a ciência instantânea de nossa identidade, além de conservar conhecimento do *Eu-passado* e da representação de um *Eu-futuro*.

Já o *self-sujeito-e-conhecedor*, também caracterizado como *eu*,

não só é uma presença muito real, mas também uma guinada crucial na evolução biológica. Podemos imaginar que o *self-sujeito-conhecedor* está, por assim dizer, sobre o *self-objeto*, assim como uma nova camada de processos neurais dá origem a mais uma camada de processamentos mentais [...]. Não há dicotomia entre o *self-objeto* e *self-conhecedor*; o que existe é continuidade e progressão. O *self-conhecedor* tem seu alicerce no *self-objeto* (DAMÁSIO, 2011, p. 23).

Desse modo podemos afirmar que a consciência e o *self* são o resultado de um processo de regulação das percepções que os sujeitos registram em seus sistemas de captação de estímulos. “A mente consciente emerge na história da regulação da vida. A regulação da vida, um processo dinâmico conhecido como homeostase” (DAMÁSIO, 2011, p. 42).

Sobre a homeostase sociocultural,

¹² Vale ressaltar, que aqui linguagem compreende a linguagem simbólica, semântica, convencional. Essa, não abarca o fenômeno da comunicação. Por isso, os processos comunicativos estão na base de constituição das estruturas cerebrais. Desse modo, a neurociência reforça o princípio de Wittgenstein, de que “os limites da minha linguagem, são os limites de meu mundo” (WITTGENSTEIN, 1999).

a mente consciente dos humanos, munida com esses tipos complexos de *self* e apoiada por capacidades ainda maiores de memória, raciocínio e linguagem, engendra os instrumentos da cultura e abre caminho para novos modos de homeostase nas esferas da sociedade e da cultura (DAMÁSIO, 2011, p. 43).

Diante destes apontamentos, fica evidente que o desenvolvimento das estruturas cerebrais, a emergência da consciência e do *self* não estão em desacordo e nem inviabiliza investigações da filosofia. Pelo contrário, fornecem subsídios e apontamentos que permitem pensar e entender questionamentos que perpassam toda a história do pensamento humano, bem como possibilitam que nos posicionemos de modo mais pontual diante de questões sociais e humanas da sociedade contemporânea, inclusive sobre a constituição moral dos sujeitos e sobre o modo de como os sujeitos tomam posse das competências comunicativas e a capacidade de agir socialmente.

Quando debatemos sobre os benefícios ou perigos de tendências culturais e de avanços como a revolução digital, pode ser útil ter informação sobre como nosso cérebro flexível cria a consciência. Por exemplo, será que a globalização progressiva da consciência humana enseja pela revolução digital manterá os objetivos e princípios da homeostase básica, como faz a atual homeostase sociocultural? Ou será que ela se desprenderá desse cordão umbilical evolucionário, para o bem ou para o mal (DAMÁSIO, 2011, p. 46).

Evidenciam-se deste modo as possíveis convergências entre as investigações de Habermas, os processos de formação do *Eu* por meio da interação social e as investigações e reflexões desenvolvidas na neurociência e na neurofilosofia. O processo de homeostase e de formação do *self* estão estritamente vinculado aos processos de interação social, com indícios da emergência de uma racionalidade comunicativa, de modo similar à percepção de Habermas na teoria de Mead.

Conclusão

Propor aproximações entre as investigações de Habermas e da neurofilosofia a partir das convergências que se apresentam nas duas teorias, podem resultar em importantes contribuições para o entendimento dos processos de formação do *eu* ou do *self-sujeito-conhecedor*. Através de uma releitura do *Eu epistêmico* de Habermas e das implicações deste para um *Eu-prático*, em interlocução com as investigações de pensadores como Antônio Damásio e Patrícia Churlchland, permite repensar como sujeitos constituem suas identidade a partir da formação da consciência. Permite entender como os sujeitos cognoscentes tornam-se capazes de linguagem e comunicação, de pensar e de agir moralmente.

Não se trata de um *Eu epistêmico, a priori* ou metafísico. A releitura pode fornecer importantes subsídios para entender como se forma o *Eu* e sua estrutura moral, assim como as competências comunicativas que precisam se desenvolver, à medida que os sujeitos se socializam e passam a integrar a cultura de sua sociedade. Esta identidade primeira, que Habermas chama de identidade natural, “repousa sobre o caráter transtemporal do organismo capaz de conservar os próprios limites, ou seja, do próprio corpo, que a criança aprende pouco a pouco a distinguir do ambiente físico-social” (HABERMAS, 1983, p. 24).

Por fim, vale ressaltar que:

Tampouco a dignidade da mente humana é diminuída quando associada à assombrosa complexidade e beleza encontrados no interior de células e tecidos vivos. Ao contrário, ligar a personalidade à biologia é uma fonte inesgotável de admiração e respeito por tudo que é humano [...] “quando a neurociência explora a experiência humana nos estranhos mundos da fisiologia do cérebro e da genética, a dignidade humana não só é mantida, mas reafirmada” (DAMÁSIO, 2011, p. 47).

Portanto, a pretensão é defender e investigar como são os processos de formação das estruturas básicas cognitivas, a construção do *self*, a compreensão de como este permite a emergência do sujeito moral. Por homologia e simbiose, por meio da homeostase, há um processo de internalização das estruturas subjetivas e de formação do *self*. Estas permitem desenvolver

as competências cognitivas, de comunicação e de ação que, por sua vez, permitem o surgimento da consciência moral.

Referências

- BOLZAN, J. *Habermas: razão e racionalização*. Ijuí: Unijuí, 2005.
- CHURCHLAND, P. S. *Braintrust: what neuroscience tells us about morality*. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- DALBOSCO, C. A. G. H. *Mead e o problema do modelo reflexivo da autoconsciência*. Disponível em: <http://www.derphilosopher.supralus.com/_dwdl/free/artigo_17.pdf>. Acesso em: 11 Set. 2013.
- DAMÁSIO, A. *E o cérebro criou o homem*. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo, Brasil: Nova Cultural, 1992.
- HABERMAS, J. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. *Teoría de la acción comunicativa complementos y estudios previos*. Tradução Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Cátedra, 1989.
- _____. *Teoria do agir comunicativo 1: racionalidade da ação e racionalização social*. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Martins Fontes, 2012a. v. I
- _____. *Teoria do agir comunicativo 2: sobre a crítica da razão funcionalista*. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Martins Fontes, 2012b. v. II.
- HADDAD, F. Dialética positiva: de Mead a Habermas. *Lua Nova: Revista de cultura de política*, v. 59, p. 95-115, mês. 2003.
- HONNETH, A. *Crítica del agravio moral: patologías de la sociedad contemporánea*. Tradução Peter Storandt Diller. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- MEAD, G. H. *Selected writings*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

OLIVEIRA, M. A. de. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.

OLIVEIRA, N. DE. *Damásio, neurociência e neurofilosofia*. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/canalfronteiras/entrevistas/?16,75>>. Acesso em: 7 out. 2013.

HOMEOSTASE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopedia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Homeostase>>. Acesso em: 10 Fev. 2014.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

A MENTE é produto do cérebro. Disponível em: <http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1698:qamente-e-produto-do-cerebroq&catid=24:artigos&Itemid=104>. Acesso em: 7 Out. 2013.

Data de registro: 10/02/2014

Data de aceite: 20/08/2014